



Feira  
São Félix do Araguaia, Mato Grosso, 1978



Cinema na selva  
Rondônia, 1977



Assentamento de Floresta  
Santa Luzia, Vale do Pindaré, Maranhão, 1983

## CICLO ROGER CASEMENT

### coordenação geral

Laura P. Z. Izarra

### coordenação módulo IV

Sérgio Adorno

## Exposição Fronteiras – Paisagens

### visitação

terça a sexta, 10 às 21h

sábados, domingos e feriados, 10 às 18h

### realização

Universidade de São Paulo

Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

Centro Universitário Maria Antonia

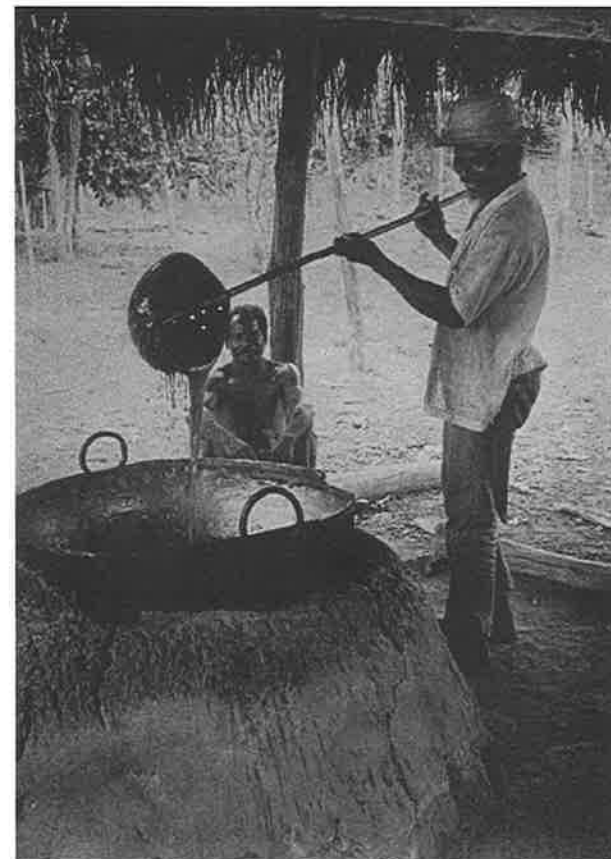
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Cátedra de Estudos Irlandeses W.B. YEATS

Núcleo de Estudos da Violência – NEV/USP

Cátedra UNESCO de Educação para a Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância

Fundação Pró-Memória São Caetano do Sul



## FRONTEIRAS – PAISAGENS

### FOTOGRAFIAS DE JOSÉ DE SOUZA MARTINS

2 a 30 de setembro 2011

Centro Universitário Maria Antonia  
Edifício Joaquim Nabuco  
Rua Maria Antonia, 258 - São Paulo

USP

Maria Antonia  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA USP



NEV



FUNDAÇÃO  
PRÓ-MEMÓRIA  
SÃO CAETANO DO SUL



Rodovia Transamazônica e rio Xingu  
Altamira, Pará, 1985



A escola na selva  
Rondônia, 1977

imagem da capa: Apuração do caldo da cana  
Sertão de Santa Terezinha, Mato Grosso, 1978

O Módulo IV do Ciclo Roger Casement inspira-se, em grande medida, no Relatório Putumayo preparado pelo cônsul de origem irlandesa ao Ministério de Relações Exteriores da Grã-Bretanha, em 1903, por ocasião de sua missão diplomática, no Alto Peru. Em seu Relatório, Casement denuncia as formas cruéis e brutais de violência contra indígenas, convertidos em trabalhadores na empresa de extração da borracha dos irmãos Arana, consórcio peruano-britânico. Entre as múltiplas formas de violência, ressaltam no Relatório a prática habitual da tortura, as ameaças de morte, o trabalho forçado, a disseminação do medo, as narrativas freqüentes do terror. Essas práticas não conheceram limites, tampouco fronteiras. Espalharam-se por toda a região amazônica, subjugando os mais diferentes grupos étnicos, forjando relações antagônicas entre trabalho, natureza e cultura.

Cem anos após o Relatório, a marcha do progresso econômico, em suas versões modernizadas do agronegócio e da produção de commodities, como se diz, agride a natureza, derruba florestas, desgasta solos, polui rios, restringe espaços sociais de vida comunitária e societária, ameaça a sobrevivência de culturas milenares. As práticas de violência e dominação denunciadas no Relatório Casement não foram igualmente erradicadas do cotidiano dos moradores das vilas e povoados que compõem a região amazônica. A escravidão por dívidas permanece, ora mais agressiva, ora menos. As condições de trabalho, por precárias, persistem violando os mais elementares direitos humanos. A terra resta concentrada nas mãos de poucos. A vida continua muito insegura. Os assassinatos de trabalhadores e de suas lideranças não parecem ter fim. O poder constituído não logra coibir dentro da lei a ação de grileiros e seus prepostos. O ciclo de violências se ritualiza no tempo, desconhecendo fronteiras.

O Módulo IV trata das fronteiras, violência, cravidão e trabalho na região Amazônica.

A violência como paisagem, a escravidão como acontecimento, o trabalho através de imagens e representações. A violência do inominável, das palavras sentidas, do sofrimento que se finge indolor, dos corpos que sujeitam corpos. Igualmente aborda o trabalho em condições tão adversas que reinventam formas contemporâneas de escravidão.

Porém, o Módulo IV também trata de resistência, renascimento, das lutas pela retribuição de sentido à existência coletiva, da poesia que ainda se deixa entrever nas relações íntimas entre natureza, homens, mulheres, e cultura. Casement, em artigo publicado em 1912, em *Contemporary Review* afirmava que os índios de Putumayo eram moralmente mais envolvidos do que seus opressores brancos. (Apud Taussig, *Xamanismo, Colonialismo e o homem selvagem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993).

Não sem razões, no centro do Módulo IV, foi programada uma exposição de fotografias, de autoria do sociólogo e Professor Emérito da FFLCH/USP, João de Souza Martins, fruto de sua copiosa pesquisa, desde a década de 1970 na frente pioneira de expansão na Amazônia legal. Exposição, documento, pesquisa e arte. Impossível separar estes termos. Originalmente pensadas como registro documental do processo de observação empírica que se arrasta no tempo, testemunhando mudanças nas paisagens, nos corpos, artes de viver, não há como silenciar diante de seu inegável valor artístico. A dor e sofrimento também se expressam em poesia visual.

*Sergio Ado*